Evento: XXX Jornada de Pesquisa

A ESCOLA E O PROCESSO EDUCATIVO: O CONHECIMENTO, O SABER E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NA ATIVIDADE DOCENTE[1]

Carline Eberhardt[2] Cátia Maria Nehring[3]

[1] Produção relacionada a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - PPGEC - UNIJUÍ
[2] Estudante do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências (Mestrado) - UNIJUÍ - PPGEC.
[3] Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUÍ - PPGEC - GEEM.

INTRODUÇÃO

O espaço reconhecidamente dedicado à educação é a escola, que se tornou o principal local de aprendizagem das crianças e jovens. Não se trata de um ambiente de trocas simples entre professores e alunos, ela envolve muito mais: o conhecimento e o saber. Nesse sentido, não basta pensar a educação de maneira isolada do mundo, ou dos sujeitos que dela participam, mas é preciso considerar todas as implicações, complexidades e movimentos previamente pensados que o ato de transpor saberes incute. Além do processo das trocas, das imprevisibilidades e das relações que se estabelecem durante o ato, que requer a aceitação por parte dos envolvidos. Nesse sentido, quando pensado historicamente, por um longo período de tempo, aproximadamente quinze séculos, o método de ensino era baseado em "[...] organizar o conteúdo segundo a lógica da disciplina e em fazer o aluno ler, reler, aprender de cor e copiar" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 51), o que levava à crença de que conhecer a matéria era suficiente para ensiná-la.

A partir do século XVII o contexto da sala de aula é radicalmente transformado, o professor passa a atender muitos alunos simultaneamente, levando a uma nova maneira de ensinar que recebe o nome de pedagogia. A partir disso, há a formalização do "saber dar aulas" (como abordar o conteúdo, organização do tempo e espaço, comportamento dos alunos, exercícios, etc). Assim, "a função da pedagogia nascente [...] é fornecer aos professores um método para ensinar, um método para instruir e educar esse grupo de alunos" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 53). Por conseguinte, a pedagogia surge do trabalho real do professor na sala de aula, o que envolve diretamente sua relação com os alunos, com o conhecimento e com o saber.

METODOLOGIA

Este texto trata-se de uma abordagem teórica sobre as temáticas do trabalho docente, o espaço escolar, o ensino, o conhecimento e o saber, e a pedagogia, objetivando uma discussão com o intuito de refletir a respeito do papel da escola e do professor, como responsáveis pelo processo educacional. Partido de uma pesquisa bibliográfica, vista como essencial para a pesquisa científica, buscou-se aprofundar os entendimentos do fenômeno em estudo. A pesquisa utilizou como base textos estudados e discussões realizadas que se vinculam ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - PPGEC. Com a observação e análise dos textos foi possível compreender e estabelecer conexões teóricas entre os autores que enriquecem a compreensão sobre a atividade docente. Esta produção amplia a proposição realizada na disciplina, relacionando com a pesquisa desenvolvida pela primeira autora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço da escola, com o decorrer do tempo, passa a ser visto como local de trabalho para professores, direção, funcionários, especialistas, entre outros (profissionais remunerados). Quanto aos alunos, estes ficam na categoria de "trabalhadores forçados" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 54). Nesse contexto, existem condicionantes na função: tempo e horário, espaço, material e recursos, compartimentação das disciplinas, o grupo de alunos, etc. É possível perceber que "o ensino, enquanto atividade profissional, não se desenvolve isoladamente. Por conseguinte, a pedagogia, o 'instrumento' do professor, é obrigada a evoluir em função das mudanças organizacionais que ocorrem na instituição escolar" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 54), ou seja, a pedagogia é dependente do ambiente de trabalho.

Nesse espaço de trabalho, passa-se ao estudo da relação de ensino-aprendizagem, em que consideram-se os pontos de vista "do professor enquanto gestor do grupo ou o do aluno enquanto aprendiz do conteúdo" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 56). Na discussão sobre "pedagogia" ou "didática", para Allet (*apud* Gauthier; Martineau, 2001, p. 56) didática faz referência "aos conteúdos disciplinares e ao aluno enquanto sujeito da aprendizagem". Quanto à pedagogia, ficam associados "aspectos da gestão, da comunicação, das relações interpessoais na sala de aula" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 57). Para Conne (1996, p. 242), "quem diz didática diz ensino e, mais precisamente, transposição de saberes socialmente pré-definidos, antes mas também noutro local". Neste viés, "ensinar é trabalhar o saber, a fim

de induzir num quadro situacional escolhido um processo cognitivo que sustente a aprendizagem, cujo produto será, em troca, instituído em saber" (Conne, 1996, p. 247). Considerando isso, o contrato didático permite dizer que professor e aluno são partes ativas do processo de aprendizagem. O autor cita que "conhecimento e situação são complementares no saber" (Conne, 1996, p. 247-248).

Para os autores Gauthier e Martineau a variável "gestão de classe" é determinante na aprendizagem, assim, os docentes "implantam uma certa ordem na sala de aula, ordem essa propícia ao trabalho intelectual" (Gauthier *apud* Gauthier; Martineau, 2001, p. 69). Entretanto, não se tratam de ações isoladas, mas precisam acontecer constantemente para que mantenham os aprendizes envolvidos nessa dinâmica. Dessa forma, "os professores competentes são pessoas conscientes e sensíveis em relação às particularidades dos grupos pertencentes a níveis socioeconômicos e a culturas diferentes; eles sabem adaptar-se a essas variáveis." (Gauthier; Martineau, 2001, p. 69-70). Assim sendo, a formação docente não deve excluir a importância da didática, sendo que é necessário compreender a criança enquanto aprendiz, dessa forma, "todo professor deve ser um especialista da aquisição e da transmissão dos saberes numa determinada disciplina" (Gauthier; Martineau, 2001, p. 72).

O ensino "[...] procede da interação dos conhecimentos de um professor com os conhecimentos de um (de vários) aluno(s), no decurso de uma colaboração muito especial, que visa assentar os conhecimentos do aluno em saberes pré-definidos [...]" (Conne, 1996, p. 223). Para o autor é preciso definir o conceito de saber em distinção ao de conhecimento, sendo que sua distinção é o critério de utilidade (Conne, 1996). Quando o sujeito reconhece que um conhecimento pode ser usado em determinada situação, *ele sabe*, dessa forma, "um conhecimento assim identificado é um saber, um conhecimento útil, utilizável, porque permite ao sujeito agir sobre a representação" (Conne, 1996, p. 231). Logo, "em situação, os saberes são estruturados pelo conhecimento" (Conne, 1996, p. 234). Além disso, na interação entre sujeitos que agem sobre o meio mobilizando conhecimentos - observável na sala de aula -, "as trocas e as colaborações fazem com que eles tenham uma parte comum, identificável com a maneira como transformam a situação, de acordo com os modelos de cada um deles tem dela, e com a finalidade da colaboração" (Conne, 1996, p. 237). Na sala de aula, cabe ao professor aproveitar os momentos de interação cognitiva com os alunos para ativar o desenvolvimento dos conhecimentos dos mesmos, levando-os a saber.

O ensino é visto como uma utilização particular do saber: o professor projeta o saber sobre uma parcela de realidade (situação), a partir deste será elaborado o conhecimento do aluno, que o verá como útil, tornando-o um saber frente a essa realidade (Conne, 1996). Dessa maneira, "tanto o estudo do conhecimento como o ensino se fazem a partir de uma transposição de saberes" (Conne, 1996, p. 242). Com isso, deve-se considerar que o aluno já vem para a escola dotado de conhecimentos prévios, e essa vai "[...] iniciar os alunos na investigação. Trata-se de organizar situações didáticas muito abertas, de maneira que o aluno trabalhe a organização dos seus saberes" (Conne, 1996, p. 257).

Mais especificamente quanto ao processo de tornar objetos de saber eruditos em saberes a ensinar, Conne (1996) cita a transposição didática. Em conformidade com essa ideia, Chevallard (*apud* Leite, 2007, p. 43) apresenta que a transposição didática se trata de um trabalho de transformações adaptativas de um conteúdo de saber "[...] que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O 'trabalho' que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática". Ou seja, a partir do instante em que um conteúdo tenha sido escolhido para ser ensinado, ele passa por um processo de adaptação, transformação e adequação, para que possa ser considerado um objeto de ensino, a esse processo é dado o nome de *transposição didática*. A noção de que algum tipo de adaptação é necessária quando se pretende ensinar um conhecimento é unânime no meio educacional. Isso se liga ao saber-fazer pedagógico, a fim de possibilitar a elaboração de uma cultura transmissível aos receptores interessados.

Nesse viés, "a teoria da transposição didática pretende desestabilizar esse entendimento, expondo enfaticamente a necessária distância entre o saber ensinado e seus saberes de referência" (Leite, 2007, p. 49). Dessa maneira, o saber escolar é visto como necessário, reconhecendo-se sua especificidade epistemológica. Além disso, tem-se os saberes práticos, não da prática, mas sim referentes à cultura docente em ação, visto que "o ensino se desenvolve num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para a atuação do professor" (Tardif, 2014, p. 49). No cotidiano, o docente enfrenta situações diversas que exigem improvisação e habilidade pessoal, que acabam por se tornar um *habitus*, isto é, torna-se um estilo de trabalho e ser (Tardif, 2014). Pode-se entender que os saberes experienciais têm origem na prática do dia a dia, em confronto com as condições da profissão, no contexto em que se encontra. Dada essa relação entre o professor e o saber, seja pelo

ensino ou pela própria formação para a profissão, o que se tem é que o professor trabalha com o saber, age sobre o saber o adaptando a sua realidade e com isso também produz o saber experiencial. Para além disso, o professor ao mesmo tempo em que ensina, forma-se pela troca constante com o próprio objeto de trabalho: os discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a dinâmica existente na escola, cabe ao professor, enquanto profissional capacitado, a garantia da continuidade do processo de aprendizagem, por meio da apresentação de novos textos do saber e realizando conexões entre os conteúdos, sempre buscando ampliar as relações e as possibilidades de utilização dos conhecimentos dos alunos. Além de fazer com que estes sintam a necessidade de mobilizar novos conhecimentos a serem aprendidos. Para isso, tem-se a questão que distingue o professor do aluno, sendo a relação diferencial de cada um com o saber: o professor o domina em um nível mais abstrato e precisa desenvolver a habilidade de ensiná-lo, adaptando-o a uma "variante local", personalizada para o ensino. Esse trabalho de adequação para a compreensão do aluno - dentro de sua realidade e considerando suas especificidades -, é a transposição didática. Essa transposição, quando executada de forma adequada, leva o aluno a utilizar em uma dada situação seus conhecimentos, logo, tratam-se de conhecimentos úteis, por consequência, o aprendiz constrói uma relação indissociável com o conhecimento, ele *sabe*. Além disso, é por meio das experiências compartilhadas, que novos conhecimentos são adquiridos e trocas são feitas, dando a classe de professores um *habitus* docente. Diante disso, surgem saberes experienciais, os quais dizem respeito diretamente a toda complexidade existente em torno da atividade do professor: a sala de aula, interação, transposição de saberes, etc.

Palavras-chave: Docente. Conhecimento. Saber. Transposição. Habitus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONNE, F. Saber e Conhecimento na Perspectiva da Transposição Didática. In: BRUN, J. (Org). **Didática das Matemáticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S. Triângulo Didático-Pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado. In: **Revista Educação nas Ciências.** Ijuí: UNIJUÍ, V. 01, Pg. 45-77, Jan/Jun, 2001.

LEITE, Miriam Soares. **Recontextualização e Transposição Didática - Introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.